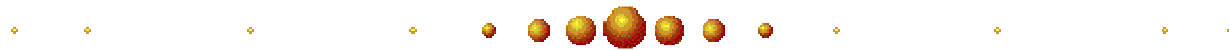


Evanildo Bechara nasceu no Recife, a 26 de Fevereiro de 1928. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949. Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948. Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Concluído o curso universitário, aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madrid, com Dámaso Alonso, Doutorando-se em Letras pela UEG (actual UERJ) em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964. Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992. Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994. Professor titular de Língua Portuguesa, Lingüística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal). Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal). Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998). Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000). Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado em diversas instituições assumiu diversos cargos, como Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, etc. Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro. Membro da Societé de Linguistique Romane e do PEN Clube do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura). Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, Bechara escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições, e assumiu a Direção de diversas publicações, como as revistas Littera, Confluência, etc. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 tendo estado no 6º Colóquio Anual da Lusofonia em Bragança e no 3º Encontro Açoriano da Lusofonia na Lagoa, S. Miguel.



### ***8. CARLA ALEXANDRA FERREIRA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO***

Carla Alexandra Ferreira do Espírito Santo Guerreiro é licenciada em Português – Inglês (Ensino de), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Mestre em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesas, com a Tese: *A Mundividência Infantil na Obra de Guerra Junqueiro*, é doutoranda em Literatura Portuguesa para a Infância, realizando a investigação: *A Literatura para a Infância em Portugal, do séc. XIX à Actualidade - Contributos para a identificação de um Paradigma*. Docente do Instituto Politécnico de Bragança, pertence ao Departamento de Português da Escola Superior de Educação, desde 1999, é responsável por cadeiras de Língua Portuguesa, Literatura para a Infância e Literatura para a Juventude. Coordena, desde 2001, um conjunto de Projectos, em parceria com o Espaço 'Lúdico-Infantil da ESEB, no âmbito da promoção do livro e da leitura, no âmbito do Plano Nacional de Leitura-Ler+, que abrange desde o Pré-escolar ao 2º Ciclo de Escolaridade.

## MIA COUTO E O GATO E O ESCURO - A ESCRITA “BRINCRIADA” DE UM AUTOR LUSÓFONO

CARLA A. do Espírito Santo GUERREIRO, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação [PORTUGAL]

### SINOPSE

Propomo-nos, com a nossa comunicação, reflectir sobre a escrita de uma das vozes da lusofonia mais traduzidas em todo o mundo, o escritor moçambicano Mia Couto. Porque a nossa área de investigação e especialização é a literatura para a infância, escolhemos a obra: *O Gato e o Escuro*, uma incursão do autor, ao que sabemos sem continuidade, no mundo da literatura destinada aos mais novos. Através da análise temática e técnico-compositiva desta obra, pretendemos fazer uma sensibilização para a escrita criativa deste autor, plena de neologismos e recursos expressivos, o que faz com que ele seja responsável por uma “reinvenção” da língua portuguesa, que é simultaneamente una e múltipla, pois que se encontra espalhada por vários continentes. Pretendemos, também, com a nossa breve reflexão, sublinhar a importância assumida pela literatura para infância, como uma área autónoma da criação literária, eleita também por autores consagrados, tal como o escritor por nós escolhido.

*“Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos.*

*Somos nós quem enchemos o escuro com os nossos medos.”*

*Couto, 2006: p16*

António Emílio de Leite Couto, de seu nome completo, viria a adoptar o nome literário de Mia Couto, em parte porque o seu irmão, quando pequeno, tinha dificuldade em pronunciar o seu nome completo e o chamava pelo diminutivo “Mia”, mas também porque este escritor sempre nutriu uma enorme paixão por gatos. Tendo, ainda criança, no seio da família, chegou a manifestar o seu desejo de ser um deles. Mia Couto é moçambicano, tendo nascido na cidade da Beira em 1955, filho de uma família de emigrantes portugueses. Ele é considerado um dos nomes relevantes da nova geração de escritores africanos que escrevem em português. Este estatuto foi conquistado, não só pelo modo como descreve e trata os problemas e a vida quotidiana do Moçambique contemporâneo, mas principalmente devido à criatividade poética da sua criação literária, numa constante descoberta de novas palavras que resultam num processo de “mestiçagem”, como ele próprio refere, entre o português erudito e as várias formas e variantes dialectais introduzidas pelas populações moçambicanas. Há quem o considere uma espécie de mágico da língua, porque no acto criativo apropria, recria e renova a língua portuguesa em novas direcções. Quanto ao seu percurso foi desde 1974, durante alguns anos, director da Agência de Informação de Moçambique, seguidamente dirigiu o jornal Notícias de Maputo e a revista Tempo. Posteriormente, estudou Medicina e Biologia e actualmente é biólogo.

A escrita tem sido sempre a sua paixão, envolvendo, desde a poesia, em que se estreou em 1983 (*A Raiz do Orvalho*), até à escrita jornalística, presente no livro que reúne as crónicas escritas para o jornal Notícias de Maputo, passando pela prosa e a ficção. As questões do modo ou do género literário em que se exprime não são para o autor decisivas, uma vez que ele escreve basicamente “pelo prazer de desarrumar a língua.” (Couto, 2002)

As suas obras foram traduzidas e publicadas em 23 países para além de Moçambique, constando entre eles, os países de expressão lusófona: Portugal, Brasil, Angola, bem como, Inglaterra, Espanha, Eslovénia, Noruega, Suécia, França, Itália, Croácia, República Checa e África do Sul, entre vários outros, que seria fastidioso estar a referir.

Da sua vasta bibliografia, destacaremos:

A Raiz do Orvalho (1983);  
Cronicando (1986);  
Vozes Anotecidas (1987);  
Cada Homem é uma Raça (1990);  
Terra Sonâmbula (1992);  
Estórias Abensonhadas (1994);  
A Varanda do Frangipani (1996);  
Contos do Nascer da Terra (1997);  
Mar me Quer (1998);  
Raiz de Orvalho e Outros Poemas (1999);  
Vinte e Zinco (1999);  
O Último Voo do Flamingo (2000);  
Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos (2001);  
O Gato e o Escuro (2001);  
Um Rio chamado Tempo, uma Casa chamada Terra (2002);  
O Fio das Missangas (2004);  
O Outro pé da Sereia (2006);  
Venenos de Deus, remédios do Diabo (2008)

Encontramos, desde logo, dois aspectos que se nos evidenciam ao elencar as suas principais obras, sendo o primeiro, a curta periodicidade com que edita uma nova obra e, o segundo, o jogo de palavras ou trocadilho que quase todos os títulos encerram.

Entre prémios e outras distinções foi agraciado com:

Grande Prémio de Ficção Narrativa de Moçambique (1990);  
Prémio Nacional de Jornalismo areosa Pena (1989);  
Prémio nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos (1995);  
Prémio da Associação de Críticos de arte de S. Paulo (1996);  
Prémio Vergílio Ferreira (1999);  
Menção Especial do Prémio Nacional de Ilustração IPLB/APPLIJ  
Prémio Literário de Ficção Mário António (2001) – que distingue autores e obras dos países africanos lusófonos e de Timor-leste, atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian.

As questões mais importantes presentes na sua obra literária são as que se relacionam com a vida do povo moçambicano, que saiu há trinta anos de uma guerra civil e ainda evidencia as terríveis cicatrizes deixadas por qualquer conflito e onde ainda persiste uma tradição de transmissão da literatura, saberes e costumes, por via da oralidade.

Mia Couto envereda por uma escrita que liga a tradição oral africana à tradição literária ocidental. Alguns autores intitulam-no de “escritor da terra” precisamente porque na sua expressão única, original, descreve as próprias raízes do mundo, explorando a natureza humana e a sua relação umbilical com a terra. Deste modo, o autor tem-se vindo a tornar um dos nomes moçambicanos mais traduzidos, conseguindo a sua linguagem, rica em neologismos, transmitir-nos a sua interpretação da beleza interna das coisas. Ao inventar palavras está a adivinhar a natureza secreta daquilo a que se refere e percebemo-las como se nenhuma outra as pudessem substituir. O escritor leva-nos para universos fantásticos, paralelos ao mundo que conhecemos. Os universos do sonho e das histórias...

### **Mia Couto e a reinvenção da língua portuguesa em *O Gato e o Escuro***

Este conto nasceu de um “acidente de percurso”. Em 1998 foi-lhe solicitado um conto para a infância, numa revista de Educação. Acerca do nascimento deste texto diz o autor: “Quatro anos mais tarde, a editora (Caminho) chamou-me e mostrou-me ilustrações lindíssimas, da Danuta Wojciechowska. Aos poucos fui dando conta que aquele era o meu texto, aquele de que já me havia esquecido.

Mia Couto reconhece que sentiu alguma estranheza no momento de decidir pela edição de *O Gato e o Escuro*. “Fiquei, primeiro, em pânico face à ideia desse texto poder sustentar um livro. Pedi um tempo para visitar a história e dei-lhe mais consistência. Apesar dos receios o livro acabou por avançar, dando a conhecer uma escrita brincada.” (Couto, 2001). Para o autor, a divisão estabelecida entre literatura para adultos e para crianças não faz muito sentido. “Não sei o que é isso de escrever para crianças. A literatura, toda ela, tem essa função de nos inventar uma infância. É isso que faço ao pretender moldar a língua, colocá-la em estádio de infância. (Couto, 2001) No entanto, esta incursão do escritor por um universo mais infantil acaba por ter o sabor de um regresso ao passado, aos tempos em que na Beira ouvia as histórias de João Joãoquinho, um menino negro que com ele foi criado, recheando o imaginário e a infância de contos que ainda hoje se reflectem na sua escrita.

Embora estreante, a forma como o autor se inicia na escrita para crianças é simultaneamente amorosa e convicta, porque o seu discurso é pautado por uma delicadeza evidente, o que se comprova através de uma criação textual, em muitos momentos, lúdica, que se manifesta na escolha vocabular e no ritmo da narrativa, ambos, claramente, ao serviço de um público infantil. Na história assistimos à efabulação de um cenário maravilhoso que encerra inevitavelmente um conjunto de mistérios. Situamo-nos na fronteira entre o dia e a noite, entre a luz e o escuro e é a este espaço abstracto que é atribuída uma espécie de fisicidade, permitindo que um gato, elemento do mundo concreto, o percorra ou invada livremente. É, no fundo, uma transgressão que se afigura, em última instância, como reflexo de uma ânsia de conhecimento, de atracção pelo misterioso ou pelo proibido. “Entrar na noite é voltar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros. Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se liberta.” (Chevalier e Gheerbrant, 1998: 640)

*O Gato e o Escuro* conta a história de um gatinho, o Pintalgato, que protagoniza o medo que quase todas as crianças e adultos têm do escuro ou do desconhecido. A temática principal do conto é tudo o que está para além do horizonte, ou simplesmente da porta da nossa casa, até onde a vista dos nossos pais nos consegue alcançar ou onde chega o braço protector da nossa infância. Esta estória fala também nos riscos da desobediência, aspecto que entra em conflito com a crescente necessidade de autonomia infantil. Reflecte-se, enfim, sobre o desejo da descoberta e o gosto pela aventura, mas também sobre o receio em relação àquilo que desconhecemos. Mia Couto só podia escolher um gato para construir a sua personagem principal. Um animal doméstico, que as crianças adoram, traquina e brincalhão, dotado de um misto de tentadora curiosidade e afoiteza, comum aos felinos. “Depois da sagacidade e engenhosidade vem, nos gatos, o dom da clarividência.” (Chevalier e Gheerbrant, 1998: 463)

O gato “Pintalgato” é fruto de um certo imaginário infantil, contendo simultaneamente sabedorias profundas e uma relação plena de criatividade para com a língua. Os olhos que “pirilampiscam” no escuro, onde ele se move, foram inspirados nos dos seus filhos: Rita, Madyo e Luciana. “Na infância não levamos o mundo tão a sério. O universo inteiro pode ser convertível num assunto de brincar. E isso é uma postura que ganhei e ainda ganho com eles.” (Couto, 2001) Apesar de o gato viver na presença do escuro, a estória em causa fala da luz, fala dos matizes que se revelam no fundo da noite quando os olhos temem em se “despersianar”. Um aspecto importante que, em nosso entender, contribui para validar a hipótese de O Gato e o Escuro se destinar, num primeiro momento, às crianças, reside na própria indeterminação da situação temporal, no entanto, Mia Couto não cria este conto exclusivamente para um público infanto-juvenil, mas para todos aqueles que escutam a criança que trazem dentro de si, fazendo com que este livro se destine a todas as idades.

Sobre esta obra, o escritor contou que tinha dado um autógrafo a uma criança a quem a tinha lido e que lhe perguntou se ela tinha medo do escuro, ao que esta lhe respondeu afirmativamente, questionando-o se ele, Mia, também tinha medo do escuro. O autor respondeu-lhe: “-Também.” Então, o autor refere que aconteceu algo de extraordinário, que o menino se sentiu na obrigação de o consolar e para isso cito-lhe uma frase do livro, como se fosse da sua autoria: “Somos nós que enchemos o escuro com os nossos escuros.” Mia Couto refere ter sido o melhor prémio recebido até hoje. A história é narrada num tom coloquial, estabelecendo uma proximidade discursiva para os com o narratário: “Vejam, meus filhos (...)” (Couto, 2000:1), mas o encanto poético que encontramos nas frases, na sua cadência, no ritmo a elas associado têm o condão de seduzir também os adultos, enfeitando-os com a musicalidade das palavras, restituindo-lhes a infância, quando se recordam de que, quando pequenos, na hora de deitar, os pais lhes contavam uma história para dormir, espanando, deste modo, os medos do escuro.

Os neologismos de Mia Couto, inteligentemente introduzidos nos pontos fulcrais da narrativa, enriquecem este conto de uma forma decisiva, através da aglutinação de, por exemplo, substantivos com verbos, como é o caso de: “trespassagem” (Couto, 2003:1) “pirilampiscavam” (*Idem, ibidem*: 6) “tiqueaqueava” (*Idem, ibidem*: 11). Atente-se também na palavra “ataratonto” (*Idem, ibidem*, 19), resultado da simbiose entre os termos: atarantado e tonto e na palavra “estremolhado” (*Idem, ibidem*, 22), que resulta da mistura entre: “estremunhado” e “molhado”. Nos exemplos: “despersianar” os olhos (*Idem, ibidem*: 12) e “arco-iriscando”, assistimos à transformação de substantivos em verbos.

Na construção da tessitura textual, o autor também utiliza a transformação de adjectivos em verbos, tal como: “amarelavam” (Couto, 2003:16) ou um substantivo em verbo: “noitidão” (Couto, 2003:11)

Existe também a construção frásica atípica em relação à norma linguística portuguesa, evocando em nós a voz de um feiticeiro com um poder encantatório sobre os mais pequenos: “faz mais de conta o pôr-do-sol fosse um muro. Faz mais de conta os pés felpudos pisassem o poente.” (Couto, 2003: 4) .A fuga à norma, no que toca à construção gramatical é aqui utilizada como um recurso expressivo, uma forma de vestir a personagem do narrador, que adquire verosimilhança pelo tom poético das imagens escolhidas, que transportam para o imaginário do leitor. Esse imaginário é ilustrado pela artista plástica Danuta Wojciechowska que recebeu o Prémio Nacional da Ilustração de 2003, tendo sido igualmente distinguida com menções especiais do Júri em 1999, 2000, 2001 e 2002- A ilustradora foi a candidata portuguesa ao prémio Hans Christian Andersen, em 2004.

As ilustrações de Danuta representam com uma excepcional precisão a expressividade do texto de Mia Couto, dotando as cenas deste conto de grande beleza. Escolhendo uma paleta de cores quente que abarca os ocre, o azul e o índigo, a ilustradora confere à estória um carácter muito especial. Inerente à narrativa sobre a qual reflectimos, julgamos também estar presente um certo pendor didáctico, evidenciado, ainda que veladamente, na contemplação de valores como a tolerância, o direito à diferença e a importância do autoconhecimento e da auto-aceitação.

*“O escuro ainda chorava:*

*- Sou feio. Não há quem goste de mim.*

*- Mentira, você é lindo. Tanto como os outros.*

*-Então porquê eu não figuro nem no arco-íris?*

*-Você figura no meu arco-íris.*

*- Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo do escuro.*

*-Os meninos não sabem é que o escuro só existe é dentro de nós. (Couto, 2003:16)*

Deparamos, todavia, com a valorização de alguns aspectos temáticos ou de certos motivos que nos levam a pôr em causa, de algum modo, a hipótese de esta ser uma narrativa explícita e exclusivamente vocacionada para um público infantil. O facto é que em certos momentos, não só a mensagem subjacente a esta história parece possuir um maior alcance, como também o próprio registo discursivo se revela mais intrincado, mais adulto.

Atentemos, a título de ilustração, na seguinte passagem textual:

*“Pintalgato fitou o fundo dos olhos da sua mãe. De rompante, quase se derrubou, lhe surgiu como que um relâmpago atravessando a noite (...) Chamou pela mãe. Ela se aproximou e ele notou seus olhos, viu uma estranheza nunca antes reparada. Quando olhava o escuro, a mãe ficava com os olhos pretos. Pareciam encher de escuro. Como se engravidassem de breu, a abarrotar de pupilas.” (Couto, 2003:22)*

De qualquer forma, e independentemente dos destinatários preferenciais de *O Gato e o Escuro*, o importante é que, uma vez mais, o autor nos presenteia a todos, crianças e adultos, com conto belíssimo, marcado por uma grande sensibilidade, que nos obriga, também a nós a “despersianar” os olhos e que nos coloca o coração a “tiquetaquear”.

### **Bibliografia:**

Chevalier, Jean e Gheerbrant, Alain, 1982, Dicionário de Símbolos, Rio de Janeiro, José Olympio Editora.

Couto, Mia, 2003, *O Gato e o Escuro*, Lisboa, Caminho.

Reis, Carlos e Lopes, Ana Cristina Macário, 1998, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina.

Silva, Sara Reis, 2005, *Dez Reis de Gente...E de Livros*, Lisboa, Caminho.

## ***9. JOÃO CRAVEIRINHA CONVIDADO 2008 [MOÇAMBIQUE]***

**João CRAVEIRINHA** (JC / Kraveirinya na pintura) Nascido na ilha de Moçambique em 1947

1. Galiza (2008) 6 Outubro (Espanha): convidado ao lançamento da Academia Galega da Língua Portuguesa. Intervenção na Mesa de Oradores.